

ANO XIV

Suplemento infantil do jornal

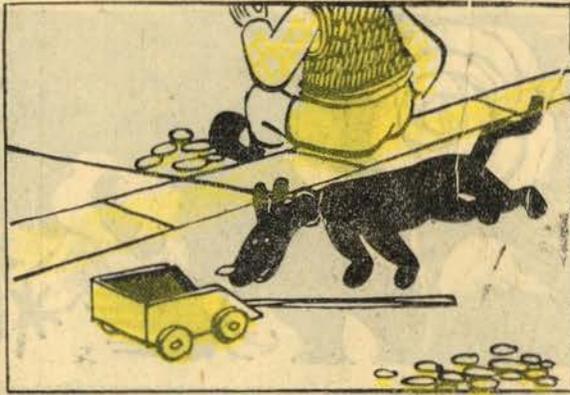
O SÉCULO

N.º 707

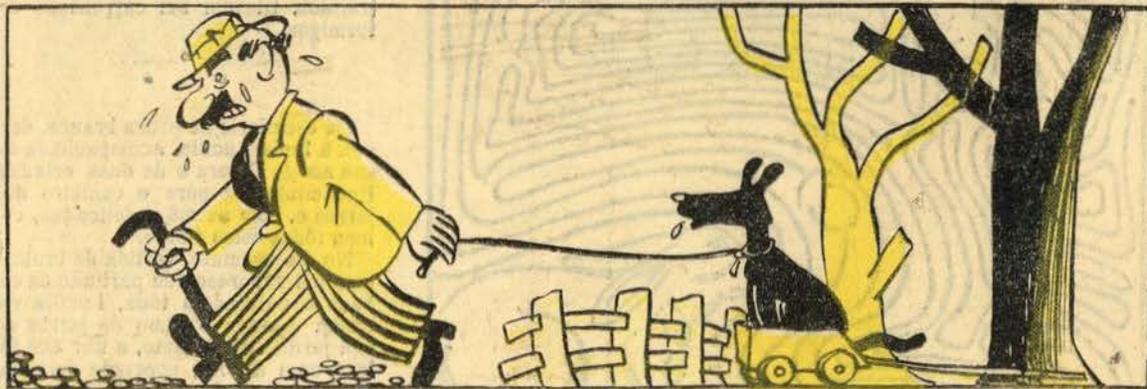
O «TÓTÓ» do JEREMIAS



I — O «Totó» do Jeremias deitava a língua de fóra, pois dava, todos os dias, um passeio duma hora.



II — Certo dia, ao ver um carro dum petiz que estava perto, o «Totó», que é muito esperto, teve um capricho bizarro.



III — Salta p'ra dentro, e, então, sereno, impávido, imóvel, tem a grata sensação de viajar de automóvel.

IV — Jeremias é que sua e, no meio do embarço, atribui o seu cansaço às pobres pedras da rua.

O JARRO E A ROSA

Por ARLETE LOPES NAVARRO

NUM lindo jardim, uma rosa falava altivamente e num tom trocista, a um jarro simples e modesto, que estava no seu canteiro entre os irmãos.

—«Ah! Ah! Ah!» — gargalhava ironicamente. Sou uma linda rosa vermelha, de pétalas aveludadas, cujo perfume se espalha no ar. A minha cor atrai todos os olhares. Ontem a menina Lucília, quando desceu ao jardim, ao passar por mim, quedou admirada de tanta beleza. Quiz até separar-me da roseira minha mãe, para me colocar no seu rico vestido.»

—«Pois a mim—disse o jarro, tristemente—nem sequer me distinguuiu com um simples olhar!»

—Quando olho para ti—continuou a rosa, troçando—assim tão branca, minha pobre flôr, recordas-me o inverno, as montanhas cobertas de neve, os rios gelados, as cabeças prateadas das avôzinhas, na última estação da vida, nuvens correndo no céu, numa ameaça de tempestade! Chuva, frio e desalento.»

—«O nosso destino tem sido igual. De que serve a tua beleza, se permaneces, como eu, no canteiro, sem utilidade alguma. Seremos iguais na morte. Feneceremos sob a ardência do sol. Tombaremos na terra escaldante do jardim, ressequidas. A brisa se encarregará de nos dispersar. Nada ficará de nós, nem sequer o perfume que possuis e de que tanto te orgulhas.»



—«Ah! Ah! Ah!»—ria insolentemente a rosa—és invejoso, caro jarro. Eu não penso, por enquanto, na morte. Sou bela e cheia de vida. Queres entristecer-me mas não consegues, meu desmaiado amigo! Tens ciúmes das lindas mariposas, matissadas, que constantemente me visitam e me contam histórias maravilhosas. Invejas o meu perfume, a minha cor, a admiração que causo e a simpatia que inspiro.»

O jarro calou-se, tristemente. A rosa vermelha, fitava-o, ativa e desdenhosa.

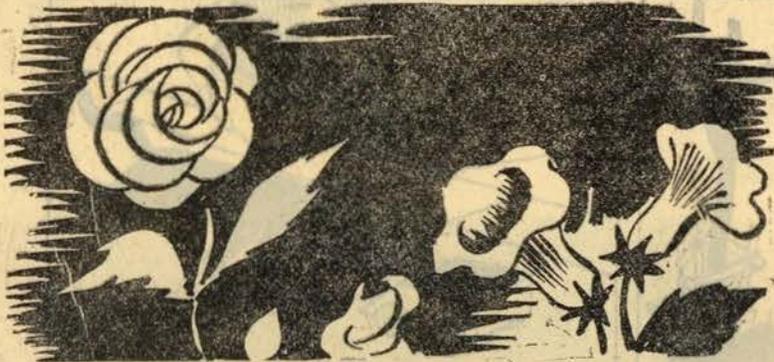
—«Somos uns abandonados!»—disse o jarro, comovido, aos irmãos que, entretidos, fitavam um carreirinho de formigas.

Da escadaria de pedra branca, desceu a linda Lucília, acompanhada da sua amiga Dinora e de duas criadas. Encaminhou-se para o canteiro dos jarros e, com as mãos delicadas, colheu tôdas estas flores.

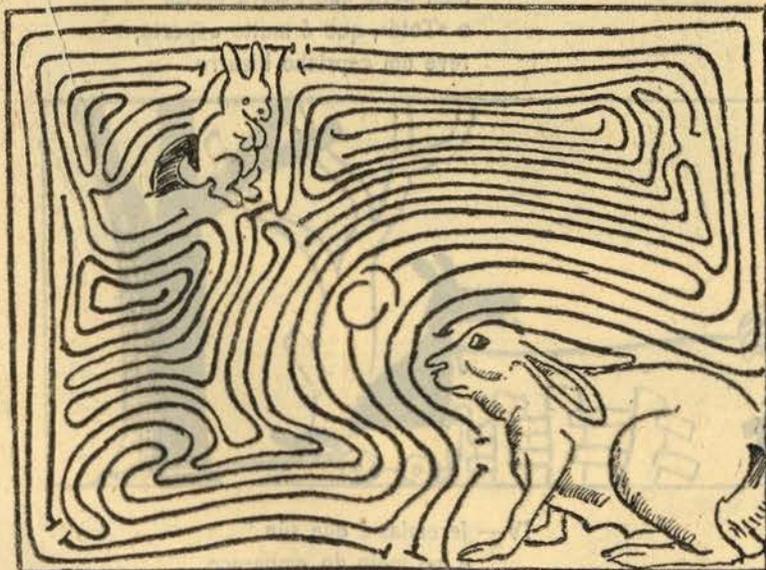
No dia seguinte, vestida de branco, com um vaporoso véu partindo da cabeça e cobrindo-a tôda, Lucília vai casar. Abraça o ramo de jarros do seu jardim. Entretanto, a flor que falara com a rosa, apertada nervosamente pelas mãos de Lucília, contra o seu peito, sente o bater apressado do seu coração, trasbordante de felicidade.

Enquanto os acordes do órgão se fazem ouvir, pela face de Lucília,

(Continua na página 7)



LABIRINTO



MEUS MENINOS:—A coelhinha que estão vendo, deixou na sua toca uma ninhada de coelhinhos que ela ainda amamenta. Receosa que algum deles fuja, quere ir ao seu encontro, o mais depressa possível, mas está hesitante sobre qual o caminho que deve seguir, sem perda de tempo. Vejam os nossos amiguinhos se descobrem qual e.

INTER * CAMBIO EPISTOLAR



Eulália das Neves Sequeira
17 anos de idade



Maria Maria Ramos Gonçalves
13 anos de idade



Maria de Lourdes da Soledade Teixeira
12 anos de idade



Maria Luísa da Silva Coutinho Neves
11 anos de idade



Maria Isabel Zeferino
14 anos de idade



Maria Liliانو Pina Tavares da Silva
14 anos de idade



Maria José Brito Gomes
16 anos de idade



Mariette Gonçalves Neves
17 anos de idade

INSTRUÇÕES

O «Pim-Pam-Pum» deu começo a uma nova secção, que tem por finalidade estabelecer o convívio espiritual entre todas as meninas portuguesas que queiram comunicar umas com as outras, trocando impressões, conversando inteligentemente, através duma correspondência directa, sem a nossa intervenção, a não ser de início, pois nos caberá unicamente a tarefa preliminar de apresentar umas as outras, publicando as suas fotografias com a indicação dos respectivos nomes e das respectivas idades.

Cada menina enviar-nos-há, depois de feita a inscrição que é absolutamente gratuita, isto é: — depois de nos ter enviado o retrato, com a indicação, nas costas, do nome, da idade e da morada, — a cartinha devidamente estampilhada, dirigida à sua nova amiguinha, dentro dum outro sobrescrito endereçado ao director do «Pim-Pam-Pum», que se encarregará de a mandar deitar no correio, pondo-lhe a respectiva morada, a qual a nossa leitora terá indicado também dentro da carta para que, de futuro, se correspondam sem a nossa interferência.

RESUMINDO:

Uma menina que queira corresponder-se com uma nova amiguinha, não tem mais a fazer do que enviar-nos o seu retrato, indicando o nome, a idade e a morada respectivas e aguardar a publicação do retrato da amiguinha que lhe coube em sorte. Depois enviar-nos a primeira carta que lhe for destinada, dentro doutra que será endereçada à Redacção de «Pim-Pam-Pum», com a indicação: — *Inter-cambio epistolar.*

À menina Eulália das Neves Sequeira coube em sorte a nova amiguinha Maria Isabel Zeferino.

À menina Maria Maria Ramos Gon-

çalves corresponde a amiguinha Maria Liliانو Pina Tavares da Silva.

À menina Maria de Lourdes da Soledade Teixeira coube em sorte a

amiguinha Maria José Brito Gomes.

À menina Maria Luísa da Silva Coutinho Neves corresponde a nova amiguinha Mariette Gonçalves Neves.

Queres ter boa memória?



Por LEONOR DE CAMPOS

CARLOS — Parece que mereço que a minha Mãe me conte a tal história.

MÃE — Tudo sabido?

CARLOS — Na ponta da língua.

MÃE — Com certeza?

CARLOS — A minha Mãe sabe que nunca mintu.

MÃE — Graças a Deus! E' uma das qualidades mais apreciáveis que alguém pode ter!

Vamos lá, então, à nossa história.

VIDA DE DEMÓSTENES

Era um rapaz estudioso, sim, mas tão fraquito, tão infezudo que ninguém diria, ao escutar o seu primeiro discurso, que mais tarde seria considerado o maior orador da Grécia.

No dia em que se estreou como orador, pouco faltou para ser corrido à pedra. Falava sem entusiasmo, num tom de voz tão débil e com pronúncia tão defeituosa que as poucas pessoas que o ouviam — porque a maioria da gente reitnida, na praça em que discursava, não fazia caso d'ele — riam-se e troçavam-no. E a certa altura os protestos e a gritaria subiram tão alto que Demóstenes não teve outro remédio senão retirar-se.

CARLOS — Coitado!...

MÃE — Mas ia desesperado, aflito com o fracasso. Os amigos tentavam animá-lo.

— Então, se não foi bem desta vez, na próxima será melhor — dizia um. E outro acrescentava:

— Todos nós sabemos que estudaste a valer a arte oratória. A culpa não é tua.

E despediram-se, deixando-o acabrunhado.

Mas o seu maior amigo não falou assim.

— Demóstenes — disse-lhe. — Tu sabes que o primeiro dever dum bom amigo, é ser sincero...

— Assim é! — respondeu Demóstenes.

— Então, escuta. Tu foste apupado e desconsiderado, porque o mereceste. As tuas palavras mal se ouviam. O teu gesto não correspondia ao que dizias. A tua voz nunca vibrou. Paravas para respirares, no meio duma frase, porque tens pouco fôlego. E a tua pronúncia defeituosa causou riso. E' pena, porque com a tua inteligência e o talento que possues, serias um bom orador se pudesses suprimir ou atenuar os defeitos que te aponte!

— E' difícil! — exclamou Demóstenes.

— Mas não impossível. Vejamos! Recita-me alguns versos de Sófocles. Demóstenes obedeceu.

— Agora versos de Eurípedes.
CARLOS — Quem eram êsses homens?

MÃE — Sófocles e Eurípedes foram



grandes poetas trágicos da antiga Grécia. Mas... como ia dizendo:

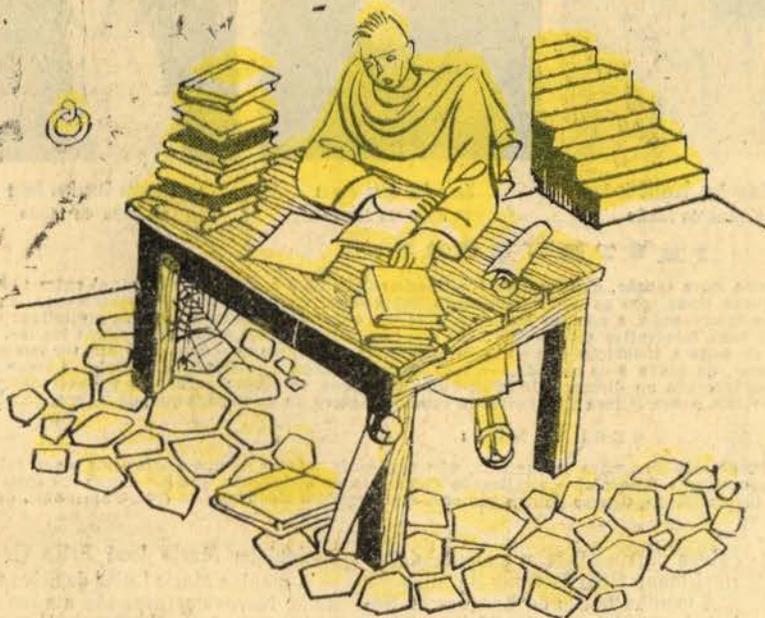
Demóstenes voltou a recitar.

O seu amigo deixou que terminasse. Em seguida levantou-se e repetiu êle os versos que ouvira a Demóstenes. Que diferença!... Pareciam outros!... O amigo recitava maravilhosamente, acentuando as frases, o gesto apropriado, a voz ora quente e vibrante, ora suave e melodiosa.

Foi para Demóstenes uma revelação. Percebeu nesse dia que não bastava ser estudioso e culto para ser orador. Era preciso muito, muito mais...

Desde então, começou a exercitar-se nas artes de bem falar, bem recitar e bem escrever. Para isso fechou-se no sótão da sua casa, resolvido a não sair sem ter conseguido ser exímio nessas três artes.

(Continua na página 7)





CONVERSANDO COM UM CARAPAU

POR
TAVARES PINTO

Sucedeu-me há dias um caso muito curioso que me apresso a contar aos meus amiguinhos, certo de que também o acharão extraordinário. Foi o caso o seguinte: — Estando eu a almoçar, serviram-me, na devida altura, é claro, um prato com carapaus fritos que tinham um aspecto delicioso e um sabor mais delicioso ainda, porquanto me atirei a eles como gato a bofe ou mesmo a carapau. Cheguei, entretanto, ao último, e então é que sucedeu o tal caso...

— «Pelo amor de Deus não me cõma... Não faça tal barbaridade! Deixe-me viver! Ih! Ih! I...»

Fiquei pasmado! Creio mesmo que arregalei os olhos, julgando ser alucinação! Mas não! Era o carapau que,



mesmo frito, desatara naquela berriaria. Passado o primeiro momento de espanto, reagi e, como me comovesse a choradeira do peixe, perguntei-lhe quem era e o que queria.

— «Sou, disse êle, um bruxo marinho... Por me ter distraído, fui apanhado. Consegui, por vários encantamentos, viver, inclusivê na frigideira; queria que me fizesses o favor de me deitares ao mar.

Como não quero que fiques a perder com essa maçada, vou contar-te, enquanto fazes a digestão, e como compensação, algumas maravilhas do mar, que muitos ignoram.

— «Vamos a isso!... — disse eu, cheio de curiosidade.

— «Conheces, começou o bruxo, muitas qualidades de peixes que vi-

vem no litoral e geralmente até 100 metros de profundidade. Quasi todos têm olhos para que possam ver o meio em que vivem, pois a luz do sol atravessa as águas até 1.200 metros.»

— «Mas como vivem os peixes para além dessa profundidade? Não vêem? Não têm olhos?»

— «Sim. Vêem e têm olhos; simplesmente são desenvolvidos numa forma extraordinária, para poderem absorver os raios ultra-violetas.



lançada por igual pressão interna. Muitos, no entanto, são chatos, como alguns corais por exemplo. Como não existem plantas em tão grande profundidade, os peixes alimentam-se,



Nas profundidades onde não chegam os raios ultra-violetas, a Natureza dotou os peixes de... luz eléctrica. Outros nem sequer precisam de luz, pois vivem no meio de micróbios luminosos. Não é isto maravilhoso?»

— «E, é!» — confirmei.

— «Ainda há mais: — Vários moluscos e cefalópodes possuem 2 pares de olhos para verem ao longe e de perto.

Outros, coitados, não têm nenhuns, pois vivem enterrados no lodo.

É verdadeiramente curiosa a forma de aclimação de alguns peixes à profundidade de 5.000 metros. Muitos, são dotados de uns apêndices muitos compridos, com os quais deslisam como os patinadores.

A pressão suportada por êstes animais, é verdadeiramente colossal; esta pressão, todavia, não os incomoda muito, visto ser contraba-

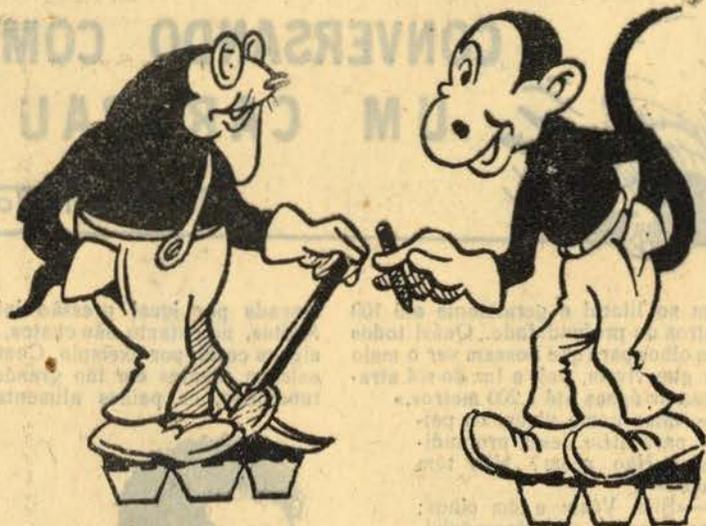
comendo-se uns aos outros. As suas formas, como não podia deixar de ser, devido à sua vida em lugares tão impróprios, são de verdadeiros monstros.

E...»

— «Bem, bem! — disse eu àquele carapau feiticeiro e tagarela, acabei a

(Continua na página 7)

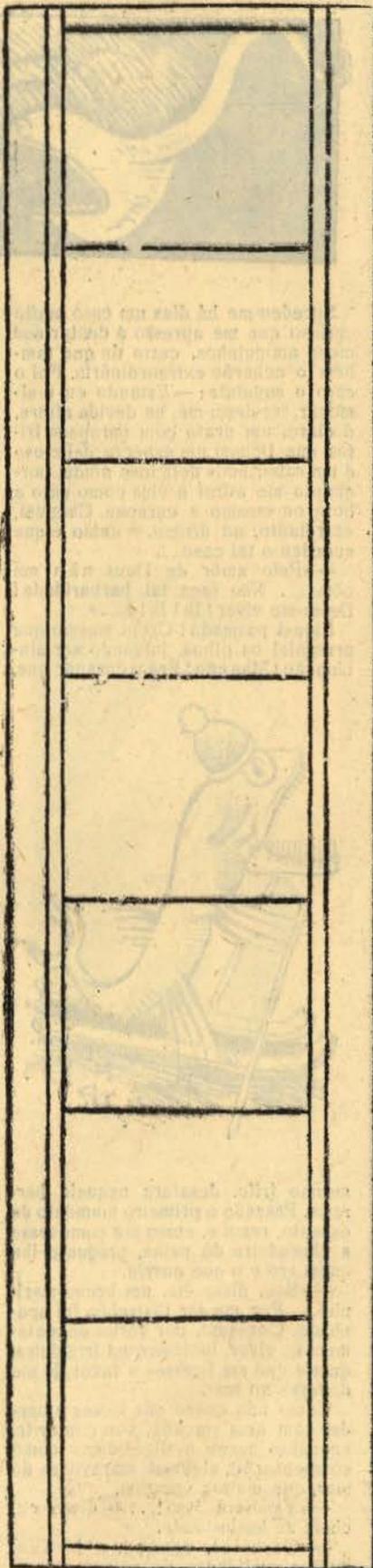




UM QUEBRA CABEÇAS

POR

TAVARES PINO



QUERES TER BOA MEMÓRIA? UM «PUZZLE»

(Continuado da página 4)

CARLOS — E nunca saía? Tinha coragem para isso?

MÃE — Que remédio!... Sabes o que ele fez um dia em que lhe apeteceu sair? Mandou raper a própria cabeça, mas dum só lado.

CARLOS — Para quê?

MÃE — Para evitar — disse ele — que a tentação de sair e de me exhibir em público, seja maior que a minha força de vontade. Assim ridículo, nunca me atreverei a mostrar-me.

CARLOS — Ai, valente!

MÃE — Durante três meses, estive encerrado. Para se habituar a declamar com correção, recitava, em voz alta, versos dos melhores poetas. Copiava, vezes sem conta, algumas obras de bons escritores, para aprender a exprimir-se num estilo correcto e brilhante. Pouco a pouco, à custa de exercícios físicos, cada vez mais violentos, foi engrossando a voz, alargando o peito, fortalecendo os pulmões.

Por fim ia declamar para a beira-mar.

— Isto é — dizia ele — para me habi-

tuar às tempestades das assembleas populares.

CARLOS — E' formidável...

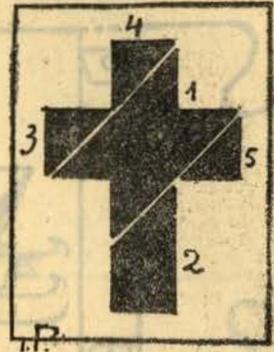
MÃE — Muitas vezes enchia a bôca de pequeninas pedras e recitava assim. Desta forma conseguiu libertar-se dos defeitos de pronúncia.

E só se considerou capaz de se exhibir em público, no dia em que pôde trepar, sem cansaço, sem que lhe faltasse a respiração, a encosta duma colina, recitando enquanto o fazia, uma grande porção de versos.

CARLOS — Bravo!

MÃE — Aqui tens, meu filho, um exemplo do que valem a persistência, o amor ao trabalho... e o verbo *querer*. Demóstenes, a quem os seus contemporâneos apelidavam de «príncipe da palavra», quis ter boa figura, boa pronúncia e excelente voz e conseguiu-o. Tu, se quiseres, conseguirás desenvolver, revigorar a tua memória enfraquecida.

CARLOS — Prometido, minha Mãe. Vou *querer*. E, daqui a alguns anos, os meus contemporâneos chamar-me-ão: *Carlos, o da boa memória*. Que diz, minha Mãezinha?



Solução do «puzzle» publicado no n.º 705 do **PIM-PAM-PUM**

O JARRO E A ROSA

(Continuado da página 2)

prêsa de intensa comoção, uma lágrima desliza e vai cair na flor.

— «Obrigado, meu Deus, murmura o jarro — pelo bendito destino que me deste!»

E, sob o sol abrasador, a rosa vermelha, prestes a desfolhar-se, olha invejosamente o canteiro dos jarros, cujas flores tiveram uma honrosa missão a cumprir, embora o seu destino, a sua vida, tivessem tido a duração efêmera de toda a beleza.

CONVERSANDO COM UM CARAPAU

(Continuado da página 5)

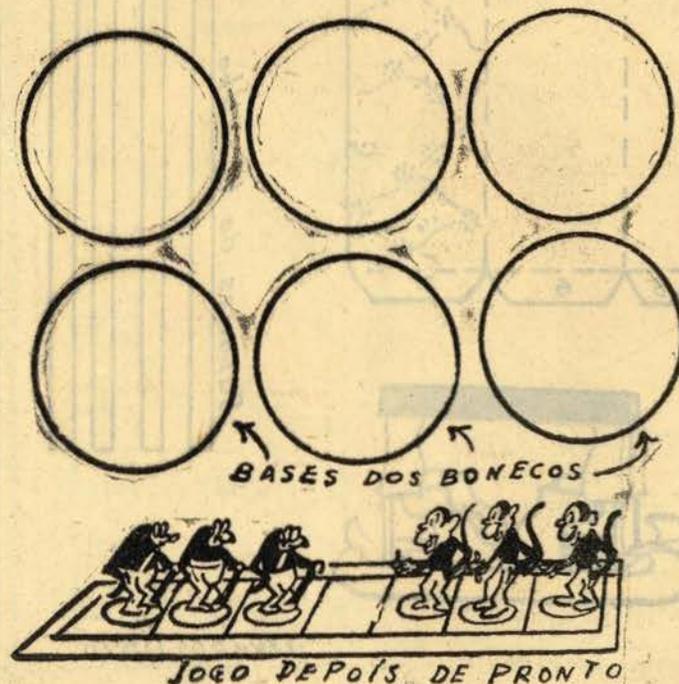
digestão e não posso perder mais tempo. Onde quer o meu amigo que o deite?»

— «Oh! Agradeço-lhe muito se for no Terreiro do Paço.»

Fiz-lhe a vontade.

Cheguei lá entre um cortejo triunfal, isto é:—rodeado duma data de gatos vadios que miavam uma musicata infernal.

Efeitos do carapau...



UM QUEBRA-CABEÇAS

INSTRUÇÕES

Este passatempo, que faz puxar muito dos miolos, consta do seguinte:

Um taboleiro com sete casas. As três do lado direito, são habitadas pelos macacos e as do lado esquerdo pelas toupeiras, separando-os uma casa vazia. Eis a habilidade: trocar os lugares; pôr as 3 toupeiras nas três casas dos macacos e éstes nas das toupeiras.

Algumas regras:

Podem passar-se um animal para a casa seguinte, se esta está livre; podem fazer-se saltar sobre um animal de espécie diferente, se há do outro lado uma casa livre.

Não se pode andar para trás, nem saltar por cima dum bicho da mesma espécie.

Podem acabar-se o passatempo com quinze jogadas.

Atenção: Colar os bonecos e o taboleiro em cartolina forte, podendo-se colori-los, para melhor efeito.

Um carro típico da Ilha da Madeira

Publicamos, hoje, na página 8 a segunda fôlha desta interessante construção para armar, que fica assim completa.

